

A beleza ou a vereda que conduz à sublimidade¹

Maria Helena Ricardo Libório Barbosa Mello

Resumo

O tema da sublimação, destino pulsional, é apresentado neste artigo, sob a forma de carta, abordando o ato de criação pela via da vacuidade, desaguando no texto místico.

Palavras-chave

Sublimação, Amor, Letra, Amor cortês, Mística.

Irmãs,
Escrevo-lhes neste dia chuvoso, à tardinha, horário em que a luz é indecisa, e por entre as árvores se pode contemplar um tom de azul pertinente à experiência.

Escrevo-lhes a partir do trabalho de uma certa ultrapassagem da dor ao sublime, do ato ou efeito de atravessar um encontro com o oco.

É claro que esse exercício é sempre na solidão, embora os companheiros textuais estejam ao nosso redor. E há textos que são absolutamente contundentes, ardentes, fulgurosos. Esses nos interrogam. Copio para vocês o que me disse, certa vez, Marguerite Duras:

O ponto onde somos atingidas pelo desejo de nosso amante é naquela cavidade da vagina que ecoa como um oco em nosso corpo. Um lugar onde o pau de nosso amante está ausente [...] O local dessa posse é o local da absoluta subjetividade [...] (DURAS, 1989, p. 37).

Oco, vacuidade em posição terceira, entre a mulher e seu amante a produzir

uma destinação amorosa além do sexo: “o extrassexo” de um amor.

Procuro com presteza o artigo de Dr. Jacques Lacan (1965) em sua *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, romance escrito em 1964. Aí encontro preciosidades que atingem num só golpe o que se refere ao feminino em seu recanto de sublime. Cito Dr. Lacan:

Arrebatada. Evoca a alma e a beleza que opera. Desse sentido ao alcance da mão iremos desembaraçar-nos como for possível, com algo do símbolo.

Arrebatadora é também a imagem que nos será imposta por essa figura ferida, exilada das coisas, em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa (LACAN, [1965] 2003, p. 198.)

É também nessa ordem de vacância que encontraremos a dissimetria da diferença sexual. É ainda nesse sítio de vazio, de extimidade e estranheza, que Dr. Freud situa a Coisa, e, a partir desse elemento da estrutura psíquica, o Dr. Lacan elaborará

1. Trabalho apresentado por ocasião das comemorações das “Bodas de Ouro” do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

seu seminário de 1959-1960, *A ética da psicanálise*, e nele, sua preocupação com um dos destinos da pulsão: a sublimação.

Irmãs, nós psicanalistas, ainda estamos atordoados com aquilo de que se trata a economia do gozo sublimatório.

Irmãs, machos e fêmeas, neste momento da escrita me encontro com o oco, o vazio, com essa tormenta em que a pena não desliza... Mancam as palavras, e a letra resiste a se desenhar.

A letra, grafia que desmente a “saída feliz” dos escritores, no dizer do Dr. Freud. Entretanto, num ponto preciso é preciso grafar por amor.

A letra, esse objeto que carece de valor de mercado, esse “inutensílio” que pulsa num ato de criação perante o intolerável do que está em Causa no vivente.

Recorro ao Dr. Lacan, esse homem que me encanta por colocar os seus escritos na posição do não-todo fálico e nos confiar o que ora lhes transcrevo:

Essa função [da letra] é incompatível com a manutenção da imagem narcísica em que os amantes se empenham em conter seu enamoramento [...] (LACAN, [1965] 2003, p. 202).

Qual função terá a letra no destino sublimatório? “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente” [...] (LACAN, [1965] 2003, p. 200).

A prática da letra exige lavrar com esmero e inquietação o oco, o vazio, o estranho, pois se trata não do encontro apaziguador da significação, mas de manter com exatidão o que é o significante, isto é, o que não significa nada. Estamos na ausência de um porto seguro onde possamos atracar nossa deriva. E a palavra poética está em nossa convivência, pois meus olhos se deitam num diálogo llansoliano que transcrevo para vocês:

[...] Há um momento em que a significação dispara

— a vida não vai para lado nenhum, mas eu quero ir.

— Então, fazes um traço.

— Sim. O texto são as marcas indelévels e imperceptíveis de que falaste sobre o amor [...]

(LLANSOL, 1998, p. 97).

Desculpem... vou me ausentar. Meu olhar se deita numa massa verde que tem por moldura a janela em frente à mesa que escrevo. Silêncio.

2ª chuva

Canto gregoriano.

Meu Deus, de onde virá a Misericórdia, de onde virá a Bondade, de onde virá a Beleza? Estamos no campo da estranheza em que não é possível nenhum ufanismo.

Pergunta Lúcia Castello Branco:

É possível pensar na sublimação como uma forma de resistência? [...] à resistência como uma reação ao peso de viver, como diria Calvino (BRANCO, 2003, p. 36).

Supomos aí uma saída misericordiosa, na qual o sujeito está implicado com seu corpo. Posto-lhes, neste texto epistolar, o que o Dr. Lacan, em seu *Seminário 7*, nos dá a pensar sobre o ato de criação:

A noção de criação deve ser promovida agora por nós, com o que ela comporta, um saber da criatura e do criador, pois ela é central não apenas em nosso tema, o motivo da sublimação, mas no da ética no sentido mais amplo (LACAN, 1988, p. 150).

É para além da ingenuidade que o Dr. Lacan trabalha a vacuidade em que ela mesma objeto é elevada à dignidade da Coisa. É da queda do eu todo fálico, acontecimento dramático no qual o sujeito está mergulhado na dor sem sofrimento que é possível fazer o objeto falar. Elevar ao

sublime é rastrear e se recobrir da Beleza elidida dos nossos romances narcísicos. E disso, nós da linhagem do além da celebração fálica bem o sabemos.

Fazer o salto de habitar a experiência de ausência, só às vezes possível:

[...] dar o passo de ir além do espelho, circunscrever o vazio da estranheza de das Ding, despojá-lo de qualquer gozo sabido e, assim, apelar para um Tu em cuja palavra o sujeito confia e a quem dá sua fé [...]. (JULIEN, 1996, p. 112)

Dar o passo. E o que é o passo senão o intervalo entre um pé que fica no ar enquanto o outro não se assentou no chão?

Nesse espaço em que se está no ar, na indecisão, é que podemos colocar a morte na vida. Aí ainda o Dr. Lacan, que no referido *Seminário 7*, nos mostra com dedo:

[...] a função do belo sendo precisamente a de nos indicar o lugar da relação do homem com sua própria morte, e de nos indicá-lo somente num resplandecimento (LACAN, 1988, p. 354).

3ª chuva

Minhas caras irmãs de linhagem, retomo a noção de “inutensílio” num ritmo, isto é, numa organização do movimento dentro do tempo, com volta periódica de tempos fortes e tempos fracos, ao modo do canto gregoriano, cantando nos séculos X e XI como expressão de solenidade e aflição.

Tal objeto, o canto, a mim me parece bem representar o corte com a filosofia do utilitarismo, pois que o objeto em questão, na ética da psicanálise, não se dispõe ao valor de troca, mas ao valor que cada um inventa como saída, “que não comporta exatamente a felicidade”, com voltas periódicas de tempos fortes e fracos, expressando solenemente a aflição da perda daquele objeto especular que rompeu a tela da fantasia. A dramaticidade de tal acontecimento exige criação na agudeza

estética característica do “inutensílio”.

É por essa perspectiva que tentarei introduzir a importância do “amor cortês”, tão caro à ética da psicanálise. Cito Dr. Lacan:

O que deve ser justificado não são simplesmente os benefícios secundários que os indivíduos podem extrair de suas produções, mas a possibilidade original de uma função poética num consenso social em estado de estrutura [...] E isso nos interessa da maneira mais direta, é que o seu pivô era o quê? Uma erótica. (LACAN, 1988, p. 180)

Não quero lhes cansar percorrendo sobre o que já está tratado por outros estudiosos, os quais foram minhas fontes textuais. Não obstante, atentemos para essa erótica cujo Amor só pode ser cantando.

O canto trovadoresco, dirigido à DAMA, a toma objeto feminino inteiramente dessexualizado.

E quem eram as Damas?

[...] as Damas. Nada de donzelas, pois essas não possuíam ainda o poder, nada de ingenuidades, porque os trovadores endereçavam seus cantares a mulheres casadas (impossíveis). Mais do que impossível e mais do que casada, A Mulher.

*O amor seria verbo mais-que-perfeito. A mulher seria a domina. E mais, “os poetas ainda desfeminizavam o objeto de suas homenagens, adotando o termo conhecido **midons**: mi dominus = meu senhor (ANDRADE, 2006, p. 253).*

Na estrutura dessa erótica interessam

[...] as normas nas quais são reguladas as trocas entre os parceiros desse rito singular — de recompensa, clemência (misericórdia), graça — Gnade — [...] felicidade (LACAN, 1986, p. 182).

A ética da psicanálise trata de uma outra vertente que, pela via da lógica, o Dr. Lacan nos ensina a passagem pelo não-todo, isto é, pelo não-todo fálico do discurso: posição do feminino.

Quando considera a estrutura erótica do “amor cortês”, o Dr. Lacan faz um giro de pensamento ao apreciar a letra mística. É na letra ilegível do feminino que se deixará arrebatado pela sublimidade do abandono a um AMOR que jamais fará UM fusional.

4ª chuva

Levantei a cabeça. Olhei para fora. Deparei-me com aquela massa verde de vários tons emoldurada pela janela em frente à mesa em que lhes escrevo. “Chovia no texto”, para tomar uma expressão de Llansol.

Chovia, e um perfume de fertilidade exalava da terra.

Presenteio-lhes com uma escrita chamada “mosaico de citações”, cenas textuais que me penetraram e que compartilho aqui e alhures.

Eu penso que a leitura cria uma relação extremamente íntima com alguém. Alguém que lê profundamente é penetrada pelo que lê (LLANSOL, 2011, p. 57).

Caras irmãs de linhagem, machos e fêmeas já despidas da crença de que haja relação sexual. Dirijo-me a vocês “por graça da textualidade”:

*Mas o que nos pode dar a **textualidade** que a narratividade já não nos dá (e, a bem dizer, nunca nos deu?).*

*A **textualidade** pode dar-nos acesso ao dom poético, de que o exemplo longínquo foi a prática mística. [...] Eu afirmei que nós somos criados, longe, a distância de nós mesmos; a **textualidade** é a geografia dessa criação improvável e imprevisível; a **textualidade** tem por órgão a imaginação criadora, sustentada por uma função de*

*pujança — o vaivém da intensidade. Ela permite-nos, a cada um por sua conta, risco e alegria — abordar a força, o real que há de vir ao nosso corpo de afectos (LLANSOL, *Lisboaleipzig 1*, p. 120-121. *apud* BRANCO, 2000, p. 67-68).*

E por esse encontro textual fui conduzida a Hadewijch d’Anvers e a Teresa Martin. Ambas místicas; a primeira, uma beguina, e a segunda, uma das doutoras da Igreja. Ambas da linhagem da textualidade que permite o gozo do bem dizer bem ao estilo do amor cortês: amor refinado e livre.

O Dr. Lacan faz referências à mística em seu *Seminário 20*, à mística como elevação à sublimidade do objeto Amor. E no *Seminário 7* nos faz vigilantes para

[...] o que a criação da poesia cortês (e da mística, acrescento) tende a fazer deve ser situado no lugar da Coisa. [...] A criação da poesia consiste em colocar, segundo o modo de sublimação própria à arte, um objeto que eu chamaria de enlouquecedor, um parceiro desumano (LACAN, 1988, p. 187).

Ora trago-lhes o testemunho do vivido de uma experiência alçada na poesia que, por graça da textualidade, Hadewijch cantou sob o nome do “sem porquê”, do “sem nada sabido”:

A multidão de razões
que me fazem preferir-vos a tudo
escapa-me, Senhor, quando, na nudez,
volto-me apenas para vós,
amando-vos sem porquê”,
a vós mesmo e por vós mesmo
(HADEWIJCH *apud* JULIEN, 1996,
p. 157).

Segundo Julien, “o “sem porquê” é correlato dessa nudez que é vacância interior”. Permitam-me citar o Dr. Lacan

referendado no *Mais*, *ainda* esse gozo mais além:

Há um gozo dela, desse ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta — isso ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece, Isso não acontece a elas todas (LACAN, 1982, p. 100).

Mas a algumas acontece como está testemunhado, tornado manifesto no *Ardente texto Joshua*, de Maria Gabriela Llansol:

[...] E morreu, Teresa Martin, beguina, filha de Hadewijch de Antuérpia, doutora da Igreja. (p. 8)
[...] O lápis corre rápido com o que tem a dizer ao espaço vazio que lá dentro guarda o segredo do humano escreve rápido, pede-lhe o ar bem-aventurados os alucinados, porque deles será o real bem-aventurados os desiludidos, porque neles o pensamento se fará humano bem-aventurados os corpos que morrem, porque deles será a sensualidade do invisível bem-aventurados os desesperados, porque deles será a restante esperança bem-aventurado sejas tu, ó texto, porque nos abres a geografia dos mundos bem-aventurados sejas tu, ó Terra, porque tua será a explosão que levará o vivo a todo o Universo, Imóvel, fico-vos a olhar, Teresa, ou Hadewijch, mas vós não vos inquietais, [...]
(LLANSOL 1998, p. 146-147).

Irmãs, machos e fêmeas da linhagem do oco,
saúdo a todos vocês; bem-aventuradas sejamos nós porque, na ignorância, mante-

mos a Misericórdia, a Bondade e a Beleza em algum horizonte fugido.

Saudações.

THE BEAUTY OR THE PATH THAT LEADS TO SUBLIMITY

Abstract

The theme of sublimation, one of the vicissitudes of the drive, is presented in this article, under the format of a letter, approaching the creation act through vacuity, ending up in the mystic text.

Keywords

Sublimation, Love, Letter, Courtly love, Mystic.

Referências

- ANDRADE, V. M. B. *Luz Preferida: a pulsão da escrita em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada FALE-UFMG. Belo Horizonte, 2006.
- BRANCO, L. C. *A branca dor da escrita: três tempos com Emily Dickinson*. Rio de Janeiro: 7 letras. Belo Horizonte/MG: UFMG. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2003.
- BRANCO, L. C. *Os absolutamente sós - Llansol - A letra - Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2000.
- DURAS, M. *A vida material*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- DURAS, M. *O deslumbramento de Lol V. Stein*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- IANINI, V. P. A poesia do canto gregoriano. In: *O divino ofício dos poetas*. São Paulo: Loyola, 2001.
- JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 198-205.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LLANSOL, M. G. *Ardente texto Joshua*. Lisboa: Relógio D'Água Editores e Maria Gabriela Llansol. Setembro de 1998.

LLANSOL, M. G. *Entrevistas/Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LLANSOL, M. G. *Um falcão no punho*. Lisboa: Relógio D'Água Editores e Maria Gabriela Llansol, 1998.

RECEBIDO EM: 12/04/2013

ACEITO EM: 17/04/2013

SOBRE A AUTORA

Maria Helena Libório Barbosa Mello

Filósofa graduada pela PUC Salvador. Psicóloga graduada pela PUC Minas. Especialista em Filosofia Contemporânea pela UFMG. Membro sócio do CPMG.

Endereço para correspondência

Av. Getúlio Vargas, 54/401 – Funcionários
30112-020 – BELO HORIZONTE/MG